

AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E O ENSINO DOS JOGOS AFRICANOS E AFRO-BRASILEIROS: UMA POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO.

Érika Nishiiye
Márcio Henrique Laperuta
Gepef-Lapef- UEL

RESUMO

Ao compreender a Educação Física como componente curricular, e por essa razão, tem em comum objetivo contribuir para a formação educacional crítica do aluno, ou seja, na sua identidade. Frente a essa problemática, esta a necessidade de: Como inserir a constituição da cultura da população brasileira, com suas diversidades e conflitos? Sendo o nosso país oriundo da emigração de diversos povos, ele é multirracial e pluriétnico, tivemos que nos direcionar e selecionar um grupo, os povos advindos do continente africano, tendo como fator determinante o significativo número de descendentes no Brasil, e sua forte presença em nossa história, conceito esse já enaltecido pelas diversas ações afirmativas, como a presença da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08 que prevê a obrigatoriedade do ensino da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Estabelecemos como objetivo de estudo: A compreensão dos jogos afro-brasileiros como pertencente à história e cultura africana. Trilhamos algumas vias para estruturar e planejar a implementação desse conhecimento. A Inserção curricular: 1) planejada, estruturada como caráter de conteúdo propriamente; diante de 2) momentos necessários (frente a reações dos alunos, negação, conflitos); 3) Engajando a outros conteúdos não sendo diretamente o principal. Nosso grupo de investigação se ateu aos alunos do ensino fundamental I, dirigidos por um professor, da rede municipal de Arapongas. Esse ensino possibilitou a verificação da presença real de discriminações raciais, da negação da cultura e história negra, e por meio dela que criamos meios de mediar nas aulas para a aprendizagem consciente e contribuir para a negação a esse modo de agir. Por fim, o ensino da cultura africana e afro-brasileira é essencial para a reconstrução da imagem da população brasileira, na nossa própria identidade, que em muitos aspectos precisa ser modificada pela representação falsaria que há tempos veio se instituindo.

Palavras chaves: Educação Física, currículo; cultura africana e afro-brasileira.

INTRODUÇÃO

Tem se observado nas escolas que a inserção da cultura africana, afro-brasileira e indígena tem sido inserida de forma *contemplativa* nas escolas, nas datas comemorativas, entre elas o dia da consciência negra, ou dia do índio, com apresentações superficiais de danças e exposição de trabalhos realizados em poucas aulas. Ao concordar com Palma et all (2010, p.23), é inevitável a refuta a essa ação, em que o currículo não se restringe “[...] a listar conteúdos, nos é solicitado, enquanto envolvidos diretos, um comprometimento profissional, que implica as seguintes dimensões de qualidade: técnica, política, e ética. O que gera algumas indagações:

Será que esse tipo de ensino interfere de fato na aprendizagem do aluno? Ele compreende porque dessa mobilização? A importância do estudo desses conteúdos? E associa a sua própria conduta com os demais colegas?

Essas indagações que nos mobilizou a assumir de fato como inerente aos nossos ensinamentos, realizando um planejamento antecipado, inserido no currículo como pertencente a um dos conteúdos a serem ensinados durante o ano, podendo ser um tema transversal quando necessários. Diante do pouco conhecimento buscamos meio de formação continuada fontes de embasassem nossas ações iniciaram assim pela capacitação oferecida pela Secretaria de Educação do Município de Arapongas e se estendendo pelos cursos dirigidos pelo centro de ciências humanas da Universidade Estadual de Londrina.

Os conhecimentos construídos nesses momentos foram compartilhados com os demais professores da rede municipal de Arapongas, em que se tornou oficial a sua inclusão no currículo do núcleo “o movimento e os jogos”. Um dos fatores determinante é o problema da naturalização da cultura afro como inferior, sempre apresentando o negro pelas imagens da escravidão, tornando o sujeito a condição de escravo como sujeito, reafirmando assim com imagens negativas (exotismo). O que trouxe a tona o problema de como inserir a constituição da cultura da população brasileira, com suas diversidades e conflitos?

Neste estudo foi feito um recorte com a seleção de um grupo, os povos advindos do continente africano, tendo como fator determinante o

significativo número de descendentes no Brasil, e sua forte presença em nossa história, conceito esse já enaltecido pelas diversas ações afirmativas, como a presença da Lei 10.639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que prevê a obrigatoriedade do ensino da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" em todas as escolas públicas e particulares.

Utilizamos o jogo como conteúdo e estratégia para mediar essas discussões com nossos alunos, com o objetivo de promover a compreensão dos jogos afro-brasileiros como pertencente à história e cultura africana. Pois, segundo Santos (2012, p.13) “[...] o jogo tradicional é apresentado como parte integrante da história da humanidade e da cultura de nosso país”.

O ensino desse conteúdo se constituiu em uma sequência de 8 aulas, e mais algumas apresentações sobre essa temática, com os alunos do ensino fundamental I, do 5 ano. As atitudes dos alunos foram surpreendentes desvelando o racismo que ainda está contido naquela comunidade, ao mesmo tempo, vemos como temos o papel de mediar a fim de proporcionar a conscientização deles alunos, a sua criticidade contrária a essa forma de pensar e agir.

METODOLOGIA

O interesse pela implementação desse estudo nas aulas de Educação Física se deu pela parceria da Secretaria Municipal de Educação de Arapongas com a tevê Futura, pelo projeto *A cor da Cultura*¹. Que Ofereceu aos professores um processo de formação continuada, e o fornecimento de materiais didáticos. O projeto não se restringia a nenhuma disciplina, mas, sim ao contexto escolar, cabendo a cada área interagir de forma interdisciplinar essa mesma temática. Assim, nos planejamentos escolares e diante das discussões com os demais professores das escolas, foi estipulado dentro de cada área o que poderia ser estruturado de acordo com seu conteúdo específico, porém,

<http://www.acordacultura.org.br/> A Cor da Cultura é um projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira, fruto de uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Cidan – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a TV Globo e a Seppir – Secretaria especial de políticas de promoção da igualdade racial.

todos deveriam manter o foco sobre o objetivo maior: promover a compreensão de que possuímos uma diversidade cultural em nosso país, nomeando de Brasil de todas as cores, ressaltando os povos africanos.

O currículo da Educação Física foi construído e implementado pelos próprios professores da rede municipal, assim, a possibilidade da inserção desses conteúdos também passou pela discussão do grupo de estudo, chegando ao consenso de ser inserido como conteúdo. Por essa razão conseguimos apresentar a seguinte estruturação: 1) Planejada, estruturado na inserção do núcleo: “O movimento e os jogos”, o ensino dos jogos tradicionais realizados no continente africanos, e suas relações com a cultura, desmitificação; 2) Nos momentos necessários (frente a reações dos alunos, negação, conflitos, por meio de apelidos, ofensas e desmerecimento); 3) Correlações com os demais conteúdos (O movimento e expressão corporal); esquema corporal, danças, lutas. Não sendo diretamente o conteúdo principal;

O relato de experiência tem a função de demonstrar como esse planejamento poderia decorrer, foram selecionadas para esse relato de experiência as aulas de Educação Física, do ensino fundamental I, realizado em duas turmas, do 5º ano.

Na primeira aula foi pedido que os alunos observassem o seus amigos, e posteriormente escolhe dois e fizessem um desenho da imagem deles. A resposta foi que todos possuíam o mesmo tom de pele, tendo muito conflito durante sua produção por nem todos terem um lápis que denominavam “cor de pele” (leve rosa). Uma contradição, pois essa sala continha mais da metade composta por alunos negros e de outras origens. E eles próprios pintaram a sua imagem com a cor rosada.

Interferimos perguntando se aquele era o tom de pele dele, que todos colocassem o lápis que realmente concordava com a sua cor na frente de seus braços, somente a partir desse momento que viram que haviam outras cores de pele. E posteriormente fizemos um novo desenho, utilizando as diferentes cores que poderiam representar as cores de peles possíveis.

Para nossa surpresa, ao se deparar com a necessidade de pintar a pessoa com a cor preta, representando a negra, houve algumas rejeições, com a afirmação do tipo “É feio, não quero, fica feio assim... dessa cor”. Neste

momento, perguntamos por que achava isso? Não houve respostas, em seguida se já havia pintando assim antes, a resposta foi que não.

Trabalhando a partir de valores euroetnocêntricos, o sistema de educação brasileiro leva crianças e adolescentes afro-brasileiros e indígenas a se sentirem inferiores e a serem considerados como tal pelos demais, ao conviverem com imagens estereotipadas, em confrontos diários com manifestações racistas, que causam danos psicológicos e morais, muitas vezes irreparáveis, bloqueando o desenvolvimento da identidade pessoal, étnica e cultural dos mesmos (SANGER, 2006, p. 26)

Ou seja, houve um estranhamento com o novo, o que resultou na demonstração de discriminação imposta na sociedade, em que as crianças já estão contaminadas de forma inconsciente por meio desses conceitos e valores que atuam de forma suprema nas sociedades.

A segunda aula houve a mediação com o auxílio de fotos e imagens de pessoas negras e diversos níveis sociais, das princesas africanas, entre outras imagens, perguntando o que achavam nesse segundo momento já conseguiam ver a beleza nas pessoas. Neste instante que inserimos a discussão sobre racismo, preconceito racial, quais modos eles conheciam, já haviam presenciado, o que achavam disso, construindo um conceito, e o que poderiam fazer a respeito, não aceitar, estar atendo aos ditados populares que não são reais, construindo um cartaz.

Na terceira aula demonstramos o mapa do continente africano, e como vieram para o Brasil, e como a nossa população tem descendência desses povos, com a comida, palavras, danças e costumes. E entre eles os jogos que iríamos estudar, a sua origem e regras tradicionais, e suas variações.

Escolhemos dois jogos: Labirinto (Moçambique) e Terra-Mar (Moçambique).

Labirinto (Moçambique): com uma pedra em uma das mãos sem que o outro saiba, os jogadores colocam-se de frente um para o outro. Na aresta inicial do “Labirinto” são colocadas duas pedras diferentes, sendo uma de cada jogador. O jogador que tem a pedra estende as mãos ao colega, tendo este que adivinhar em qual das mãos está. Se contrário, a peça do outro que será movimentada. Esse processo repete-se até que a pedra de um dos jogadores chegue à última aresta e ganhe o jogo. (CUNHA, D. A; FREITAS, C. L. 2010, p.01)

Iniciamos a quarta aula com a montagem dos tabuleiros e seu jogo como os autores descreviam em folhas sulfites. E na quinta aula criamos uma

variação adaptando com a troca das pessoas pelo próprio jogador, desenhando no chão da quadra um grande tabuleiro. Essa construção nos possibilitou explicar a diferenciação entre a cultura africana e afro-brasileira, que são pela mistura de informações, de acordo com o contexto e com a população. Da mesma forma que estava modificando o jogo de acordo com o interesse da maioria. No final da aula lembramos que haveria mais um jogo a ser aprendido Terra-Mar.

Terra-Mar (Moçambique): uma longa reta deve ser riscada no chão. De um lado se escreve “Terra” e do outro se escreve “Mar”. No início todas as crianças podem ficar no lado da terra. Ao ouvirem: Mar! Todos pular para o lado do mar. Ao ouvirem Terra! Pulam para o lado da terra, quem pular para o lado errado sai. O último a permanecer sem errar vence. (CUNHA, D. A; FREITAS, C. L. 2010, p.01).

Na sexta aula realizamos o outro jogo selecionado, seguindo a descrição dos autores, e realizamos algumas modificações nesse próprio dia devido à facilidade que aprenderam as regras do jogo.

Na sétima aula, relembremos todas as discussões, e enaltemos o pouco da cultura aprendida nos dois jogos selecionados e responderam em seus cadernos em dupla, algumas perguntas sobre o tema que estudamos. 1- Existem pessoas de diferentes aparências, quais são elas? 2- Qual a cor de sua pele? Que cor você se pintou? 3- Que tipo de ditados popular e apelidos preconceituosos já ouviram? E o que acha deles? 4- O que achou do pouco da cultura Africana que aprendemos?

As respostas forem bem positivas, discutimos alguns aspectos que encontramos semelhanças entre eles, sendo os apelidos as que mais geraram discussão, pelo fato de ser constante no seu cotidiano, ficando aparente ser comum, um ato corriqueiro “normal”, o que esclarecemos dizendo não ser.

Cada professor tinha o papel de mediar pelas diversas áreas de conhecimento essa conscientização, e ao final do processo, em que contamos como oitava aula, a comunidade escolar realizou uma semana de apresentações, contendo apresentações de danças, poemas, trabalhos de artes, e painéis sobre os conteúdos estudados. Mantiveram durante o bimestre no pátio da escola como exposição para os pais da mobilização afirmativa contra o

preconceito que estava sendo realizado no ensino sobre a cultura africana e afro-brasileira.

Compreendo esse movimento como pertencente à avaliação, pois foi assumido o conceito da avaliação formativa, em que esta presente em todos os momentos, como ação-reflexão-ação, um processo dialético, que nos faz planejar, agir e pensar sobre a própria ação modificando ou não. Apesar das nossas aulas terem um planejamento estruturado, tivemos em diversos momentos que reorganiza-las diante das respostas dos alunos, como fica evidente nas primeiras aulas, em que era para ser realizado um desenho da própria diversidade da sala de aula, porém, pelo fato de não conseguirem fazer essa leitura, mediados novamente de forma reflexiva, promovendo aos alunos por meio de questionamento o pensamento sobre o resultado de seus desenhos, no qual, não representarem a realidade da sala de aula.

Após essa intervenção, mudanças aconteceram ao haver a compreensão, mesmo com algumas negações ainda persistindo necessitando de mais intervenções. Desta maneira, consideramos que a avaliação deve ser mediadora, que se “[...] desenvolve em benefício ao educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado” HOFFMANN, J. (1994, p.191).

As ferramentas que utilizamos para avaliação se diversificaram a cada aula, com as: discussões; pelo desenho individual, pela observação do comportamento (como reagiam nas atividades propostas), pela apresentação do que entenderam, pela escrita, nas análises das perguntas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem desse tema possibilitou a verificação da presença real de discriminação racial, da negação da cultura e história afro-brasileira pelos alunos. O que nos levou a pensar como podíamos mediar nas aulas para a aprendizagem consciente e contribuir para a negação a esse modo de agir. Por fim, o ensino da cultura afro-brasileira é essencial para a reconstrução da imagem da população brasileira, na nossa própria identidade, que em muitos aspectos precisa ser modificada pela representação falsa que há tempos veio se instituindo.

Ainda hoje, muitos profissionais não compreendem a importância que caracteriza tais encontros, por acreditarem que, por não promoverem ações discriminatórias, elas não existem. Caso elas ocorram, pensam que quanto mais salientarmos, mais discriminação estaremos gerando. (SANGER, 2006, p. 10)

Tal ideologia deve ser modificada, pois a sua permanência significa não dar voz ao aluno negro e estigmatizar o preconceito. Porém, pensar como podemos dar conta desse ensinamento requer a inclusão desses conhecimentos aos saberes do professor, e alterações no currículo escolar.

Por fim, a inserção curricular constituída nas três maneiras: 1) conteúdo 2) nos conflitos; ou 3) engajando a outros conteúdos, possibilita ao professor uma amplitude de modos de intervenção, de acordo com o contexto e a realidade em que atua.

Assim, a nossa avaliação da sequência de aulas nos demonstrou a possibilidade de promover a iniciação da tomada de consciência nos alunos sobre a cultura africana e afro-brasileira, como influente nas suas próprias ações, constituinte de suas identidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 10.639**, de 9 de janeiro de 2003.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 12 março. 2013.

BRASIL. **Lei nº 11. 645**, de 10 de março de 2008.

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 12 março. 2013.

CUNHA, D. A; FREITAS, C. L. II Semana da consciência negra: **Apostila de jogos infantis africanos e afro-brasileiro**. UFPA /CUNTINS, Pará: 2010.

HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto alegre: Educação e realidade 1994.

PALMA, A. P. T. V; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. **Educação Física e a organização curricular**: educação infantil e Ensino fundamental. Londrina: Eduel, 2010.

<http://www.acordacultura.org.br/pagina/O%20Projeto>. Acesso em: 12 março. 2013.

SANGER, D. S. **Educação sem discriminação**: caminhando rumo a Lei Federal 10.639/03. Rev. Viamão, 2006.

SANTOS, G. F. L. **Jogos tradicionais**: e a Educação Física. Londrina: Eduel, 2012.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SÃO PAULO: **Construindo a igualdade racial**: III prêmio de artigos científicos. CONE, São Paulo, 2011.

Professora da rede municipal de Araçongas.
Endereço residencial

2- Fundamentos teórico-metodológicos do processo ensino-aprendizagem e avaliação em Educação Física

Dimensões da relação pedagógica da Educação Física na Educação Básica e modalidades de ensino, referentes a: a) organização curricular; b) organização do processo ensino,aprendizagem e da avaliação educacional; c) saberes e práticas escolares.